



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA DEPARTAMENTO DE
LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

CARLOS ALVES FERREIRA

**PRECONCEITO E HIPOCRISIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX:
LEITURA DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE
ASSIS**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2023**

CARLOS ALVES FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a. Vaneide Lima Silva.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383p Ferreira, Carlos Alves.
Preconceito e hipocrisia na sociedade brasileira do século XIX: leitura de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. [manuscrito] / Carlos Alves Ferreira. - 2023.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras - CH."
1. Narrativa. 2. Machado de Assis. 3. Preconceito. 4. Hipocrisia. I. Título
21. ed. CDD B869.3

CARLOS ALVES FERREIRA

PRECONCEITO E HIPOCRISIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX:
LEITURA DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE
ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

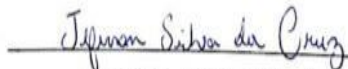
Área de concentração: Literatura e Sociedade

Aprovada em: 30/11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Vaneide Lima Silva
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Jeferson Silva da Cruz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Jordânia Dantas Freire
Universidade Federal de Campina Grande

A minha namorada, pela dedicação,
companheirismo e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, minha família, orientadora Vaneide por ter me acompanhado durante todo esse percurso, e, em especial, minha namorada Maria Kérvia que sempre esteve ao meu lado e proporcionou que este se tornasse realidade.

“AO VERME QUE PRIMEIRO
ROEU AS FRIAS CARNES DO
MEU CADÁVER DEDICO COM
SAUDOSA LEMBRANÇA ESTAS
MEMÓRIAS PÓSTUMAS”

(Machado de Assis)

**PRECONCEITO E HIPOCRISIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX:
LEITURA DE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE
ASSIS**

RESUMO

O Realismo surge na Europa em meio a Segunda Revolução Industrial, período em que se observa o crescimento da burguesia e, conseqüentemente, a sociedade se torna capitalista, sendo notadamente identificada com a hipocrisia e o preconceito, como ironicamente aponta Machado de Assis, na obra que inaugura o movimento realista no Brasil: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2016). Romance já bastante abordado em vários estudos críticos, a obra continua a despertar o interesse de leitores em pleno século XXI, talvez pela maneira sarcástica com que o narrador se manifesta na narrativa. Sarcasmo e ironia definem, aliás, muito bem a postura de vários narradores deste respeitado escritor. Nessas Memórias, identificamos um narrador em primeira pessoa, característica recorrente nas obras machadianas. Temos um “defunto autor”, termo que indicia uma contradição proposta pelo próprio Machado de Assis, nos levando a fazer o seguinte questionamento: como pode um defunto narrar suas próprias memórias? Esse questionamento nos instigou a reler a obra, despertando o interesse e nos instigando a estudar o romance com o objetivo de analisar mais detidamente o foco narrativo desta narrativa, colocando em evidência as contradições do narrador personagem, identificando os preconceitos e a hipocrisia social brasileira do século XIX, evidenciados pelo narrador, bem como os demais personagens deste enredo machadiano, além de apontar a atualidade do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Portanto, trata-se de uma pesquisa de base bibliográfica, que busca apoio em estudos sobre a teoria da narrativa, a exemplo de Leite (2007), bem como trabalhos críticos em torno da obra de Machado de Assis, fundamentais para quem visita e estuda a produção literária deste autor, sendo indispensável a leitura de Bosi (2006), Schwars (2000), dentre outros. A leitura prévia do romance nos leva a concluir que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* traz uma realidade ainda bastante atual, pois muitos dos preconceitos presentes na narrativa, quando se somam à hipocrisia que marca a sociedade do século XIX, se manifestam nos dias de hoje, revelando divisão social, preconceito de classe e injustiça.

Palavras-chave: Narrativa. Machado de Assis. Preconceito. Hipocrisia.

ABSTRACT

The Realism emerged in Europe in the midst of the Second Industrial Revolution, a period in which the bourgeoisie grew and, consequently, society became capitalist, notably identified with hypocrisy and prejudice, as Machado de Assis ironically points out in the work that inaugurated the realist movement in Brazil: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2016). A novel that has already been covered in various critical studies, the work continues to arouse the interest of readers in the 21st century, perhaps because of the sarcastic way in which the narrator expresses himself in the narrative. Sarcasm and irony, in fact, define the stance of several of this respected writer's narrators very well. In these Memoirs, we identify a first-person narrator, a recurring characteristic in Machado's works. We have a "defunto autor", a term that indicates a contradiction proposed by Machado de Assis himself, leading us to ask the following question: how can a dead man narrate his own memoirs? This question motivated us to reread the work, arousing our interest and instigating us to study the novel with the aim of analyzing the narrative focus of this narrative more closely, highlighting the contradictions of the narrator character, identifying the prejudices and Brazilian social hypocrisy of the 19th century, evidenced by the narrator, as well as the other characters in this Machado plot, in addition to pointing out the relevance of the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Therefore, this is a bibliographical study, which seeks support from studies on narrative theory, such as Leite (2007), as well as critical works on the work of Machado de Assis, which are fundamental for those who visit and study the literary production of this author, and it is essential to read Bosi (2006), Schwars (2000), among others. Previous reading of the novel leads us to conclude that *Memórias Póstumas de Brás Cubas* brings a reality that is still very current, because many of the prejudices present in the narrative, when added to the hypocrisy that marked 19th century society, are manifested today, revealing social division, class prejudice and injustice.

Keywords: Narrative. Machado de Assis. Prejudice. Hypocrisy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	NARRATIVA E FOCO NARRATIVO: RETOMANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICA.....	12
2.1	O narrador personagem em Machado de Assis: uma presença constante	16
3	AS CONTRIBUIÇÕES DO NARRADOR PERSONAGEM EM MÉMORIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: O QUE DIZ A CRÍTICA?	18
4	LEITURA DE <i>MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS</i>: AS REVELAÇÕES DO NARRADOR PERSONAGEM SOBRE A HIPOCRISIA E O PRECONCEITO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX.....	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A sociedade sempre foi um lugar de atuação na qual a humanidade costuma disfarçar os seus preconceitos e hipocrisias mediante uma máscara de manipulação e falsidade. Essa reflexão social pode ser verificada genuinamente durante a vigência do Realismo, movimento literário que aponta para as inverdades por trás dos discursos bem elaborados e encenados no palco brasileiro do século XIX, época em que é publicada a obra literária *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, livro de 1881.

Com base nessa afirmação, sentimos a necessidade de lançar um olhar para o cenário brasileiro da segunda metade do século XIX, período em que a burguesia estava a todo o vapor, o capitalismo consolidava-se devido às mudanças que a Revolução Industrial trouxera, juntamente com o avanço científico e as novas descobertas. É nesse contexto que surge o Realismo, um movimento literário que reflete as fortes mudanças sociais, políticas e econômicas, que busca mostrar a realidade nua e crua, a vida como ela é, ou seja, uma literatura que fosse mais parecida com a realidade de vida nesse novo modelo social, já que o Romantismo mascarava as mazelas sociais e idealizava a vida em sociedade, voltando-se, exclusivamente, para o plano dos sentimentos.

A publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, põe em evidência a vida de algumas esferas da sociedade brasileira principalmente da classe burguesa. De uma maneira sarcástica, o escritor faz duras críticas e revela as mentiras por trás da máscara moral e religiosa que marca o comportamento da sociedade do final do século XIX, por isso a ironia de um narrador em primeira pessoa que se coloca como modelo ou padrão social de sua época, aspecto que despertou nosso interesse pela obra e motivou a realização desse estudo, o qual se propõe analisar o foco narrativo na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, especificamente, buscaremos colocar em evidência as contradições do narrador personagem na narrativa; identificar os preconceitos e a hipocrisia social brasileira na século XIX, evidenciados pelo narrador personagem, bem como as demais personagens deste enredo machadiano; apontar a atualidade do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a relevância do legado machadiano.

Trata-se, portanto, de um trabalho de caráter bibliográfico, pois parte da leitura crítica de estudos já desenvolvidos em torno da produção literária de Machado de

Assis, mais especificamente do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, narrativa que ainda agrada ao público atual talvez pelo teor de denúncia que marca o posicionamento de seu narrador, um “defunto autor”. Nos propomos, assim, a revisitar a fortuna crítica de Machado de Assis, lançando mão da leitura de duas obras que consideramos fundamentais para o conhecimento da produção de Machado de Assis: *Um mestre na periferia do Capitalismo*, de Roberto Schwarz e *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*, de Alfredo Bosi. Partiremos desses dois críticos, mas outros autores serão trazidos para nossa reflexão, que pretende se somar a outros estudos sobre a obra de Machado de Assis, cuja importância, a nosso ver, se dá pelo fato de denunciar os problemas sociais do Brasil do século XIX, a exemplo da hipocrisia, que ainda permeia as relações sociais nos dias atuais, conduzindo-nos a uma reflexão acerca do comportamento humano na sociedade brasileira.

Além de partir da retomada de estudos críticos acerca da obra de Machado de Assis, além dos já citados, nos voltaremos para Gouveia (2009), pois consideramos importante rever estudos acerca do elemento estrutural da narrativa sobre o qual nos debruçamos: o foco narrativo. Desse modo, tomaremos ainda como referencial teórico, os estudos de Leite (2007), Brait (2006), dentre outros.

A estrutura do trabalho encontra-se assim organizada: no primeiro capítulo, nossa atenção se volta para o foco narrativo, momento em que serão retomadas considerações teóricas sobre este elemento estrutural da narrativa sobre o qual se deterá nossa análise. Vale salientar, que embora o foco narrativo seja o ponto central que justifica nossa leitura desse romance, outros elementos não deixarão de serem considerados, a exemplo dos personagens.

O segundo capítulo propõe-se a fazer uma retomada e apresentação da fortuna crítica sobre Machado de Assis. A proposta é expor algumas leituras já realizadas em torno da obra do romancista, mais detidamente no que se refere ao foco narrativo desta narrativa, buscando, desse modo, responder ao seguinte questionamento: o que diz a crítica em torno das contradições do narrador personagem em *Memórias Póstuma de Brás Cubas*?

Por fim, no terceiro capítulo, esboçamos nossa leitura crítica do romance, momento em que esperamos nos posicionar frente a obra, buscando perceber, identificar e revelar, através do narrador, a hipocrisia e o preconceito da sociedade do Século XIX, sem deixar de fazer um paralelo com a sociedade de hoje, aspecto que

consideramos como a principal contribuição deste estudo.

O presente trabalho mostra a importância da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ainda tem para para os nossos dias, afinal, muitos preconceitos do final da segunda metade do século XIX ainda estão presentes nos nossos dias. Dessa maneira, cabe aos professores em formação, quando estiverem no exercício da sua profissão, trabalhar temáticas que dialoguem com as vivências dos estudantes, tais como a inclusão, não apenas acerca da deficiência como também incluir crianças com necessidades especiais, mostrar que todos merecem ser tratados com direitos iguais independentes de suas classes sociais, entre outras temáticas presentes na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que possam contribuir com o contexto de ensino.

2 NARRATIVA E FOCO NARRATIVO: RETOMANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Contar histórias é uma atividade muito antiga que aos poucos vem perdendo espaço devido a globalização. Todavia, essa atividade nunca morre, pois está presente em tudo à nossa volta, desde a novela, a notícia do jornal, as séries da Netflix, documentários, etc. Na minha família lembro-me da figura do meu avô, ele contava muitos mitos que depois meu pai passou a nos contar, transmitindo-nos assim a tradição oral que ele recebera outrora nos seus tempos de criança.

O que mudou no decorrer dos anos foi a maneira como os fatos são narrados. Em algum momento na história os enredos se passavam em volta de uma fogueira ou num acampamento em meio a zona rural. As histórias eram diversas, sejam lendas folclóricas ou urbanas. Segundo Gancho (2004), no âmbito do desenvolvimento humano sempre foi comum para o homo sapiens o fato de documentar a sua história, desde desenhos encontrados nas cavernas até o mais erudito dos discursos já produzidos pelos filósofos gregos. Assim sendo, contar histórias sempre esteve presente na sociedade como um todo, seja pelos mitos gregos, religiões, lendas populares, etc.

Portanto, narrar é algo muito comum, todavia ganhara um certo toque de padronização mediante o surgimento da escrita, afinal, está presente em toda esfera social da humanidade, conforme afirma Barthes (2011, p. 19):

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas¹; a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura [...]

Como percebemos, o ato de narrar está em uma esfera global, presente em todas as nações, culturas, religiões, esferas sociais, podendo, assim, tais narrativas ter uma miscigenação, já que são traduzidas para outras línguas. Desse modo, o brasileiro acaba lendo obras de outros países como também é muito comum autores brasileiros conceituados estarem presentes em outras nações, como é o exemplo do próprio romance em análise, afinal, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o escrito Machado de Assis já vem sendo publicados em línguas como: sueco, holandês,

dinamarquês, servo-croata, polonês, tcheco, russo, árabe, estoniano, chinês, turco, japonês, e o mais recente foi a tradução do romance para a língua inglesa.

Com o advento da escrita, conforme já afirmamos, houve uma certa padronização, já que agora as histórias podem ser documentadas. O que antes era apenas reproduzido oralmente agora pode ser organizado e está acessível através dos livros, músicas, séries, etc. Desse modo, o que na oralidade poderia variar de acordo com a maneira que se circulava na sociedade, agora, por ser tudo documentado, segue um padrão rígido de invariabilidade e não pode ser alterado.

No enredo os escritores agora têm estilos próprios. Portanto, cada um tem as suas particularidades. A saber, alguns trazem muita ironia, apresentam uma sequência cronológica de acontecimentos com começo meio e fim, já outros, em vez de seguirem tal cronologia, acabam por mudar o enredo várias vezes no decorrer da história, como, por exemplo, quando se trata de uma obra na qual o narrador é o personagem principal e está relembando acontecimentos da sua vida (Gancho, 2004).

Ainda de acordo com essa autora, o enredo é marcado pela presença do conflito dramático, algo presente nas histórias, seja qual for ela sempre vai aparecer a predominância de um acontecimento que vai causar uma ruptura inesperada na peripécia. Isto posto, toda história, seja oral ou escrita, começa com alguém fazendo uma exposição, e em determinado momento surge essa complicação/conflito, até chegar no clímax (maior momento de tensão da história) e por fim o desfecho/conclusão.

Um outro aspecto importante também ao se deparar com uma narração, são as personagens, aqueles que são responsáveis por sofrerem ou executarem uma ação em torno do enredo, afinal, sem a presença deles não há história. Dessa forma, cada um assume um papel em torno da trama, desde o protagonista, o anti-herói, passando pelos secundários (Gancho, 2004). As personagens secundárias, que nesse caso são como coadjuvantes nos filmes, pois aparecem como contribuição rápida, não participam do conflito dramático nem do desfecho final. É como ler uma obra e se deparar com personagens que aparecem em uma única cena e sua existência não interfere no clímax da obra.

Ainda na perspectiva da autora, as personagens na narrativa são classificadas de acordo com o seu grau de importância no desenvolvimento da história, principalmente no clímax (ponto de maior tensão). Dito isso, a personagem pode ser

protagonista, ou seja, quando aparece do começo ao fim, geralmente é o mocinho; todavia, também pode aparecer como antagonista, nesse caso, é uma espécie de anti-herói que aparece como principal.

Além disso, as personagens ainda podem ser planas, por apresentarem poucas descrições, e redondas, por terem tantos aspectos físicos (corpo, voz, gesticulação, roupas, etc.), como psicológicos (personalidade, estado de espírito). Para mais, aspectos sociais de descrevem (classe social, profissão e suas atividades em sociedade), suas ideologias (modo de pensar, filosofia, opções políticas e religião) e ainda suas particularidades morais (se é bom/mau, honesto/desonesto, moral/imoral, etc.).

Por conseguinte, Gancho (2004) também aponta o tempo e o ambiente como elementos tão importantes quanto as personagens e o enredo. Sobre o tempo, ao nos depararmos com o texto literário, existem narrativas escritas dentro do mesmo contexto social e outras que já não retratam o presente, mas nos faz compreender as histórias do passado como, por exemplo, *O nome da Rosa*, do escritor Umberto Eco, fazendo-se menção assim ao contexto da Idade Média.

Diante disso, acerca do tempo em uma narrativa, ainda podemos ressaltar sua duração. Nesse sentido, a narrativa romance geralmente apresenta uma duração maior em relação aos contos, ou ainda, existem romances com curta duração de tempo em relação a outros. De acordo com Gancho (2004): “ Para identificar o tempo-época ou a duração, procure fazer um levantamento dos índices de tempo, pois tais referências representam marcações de tempo;” [...] (p. 25).

O tempo ainda pode ser cronológico, ou seja, seguir uma ordem simultânea nos acontecimentos, como horas, dias, meses, anos, séculos, e, sempre começo, meio e fim, do presente para o futuro. Todavia, em algumas narrativas isso pode não acontecer, a saber, a própria obra em análise, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresenta o tempo psicológico, que de acordo com Gancho (2004), o narrador muda a ordem em que se dão os fatos. Nas palavras de Gancho (2004 p. 25): “Um exemplo de tempo psicológico é o romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no qual o narrador, já defunto, conta seu enterro, depois sua morte, só então sua infância, sua juventude, aos caprichos do defunto autor”.

A autora afirma que é de suma importância para a análise e compreensão de uma narrativa compreender a época em que foi publicada, o seu tempo de duração, se está no tempo cronológico ou psicológico. Isto posto, tendo essa compreensão, o

leitor poderá refletir sobre os aspectos sociais e culturais da época publicada, como também, os aspectos físicos do lugar, socioeconômicos, psicológicos, morais, étnicos e religiosos, para que desse modo possa fazer uma correlação com o seu próprio tempo, pois tais características podem ter certas semelhanças com a atualidade da leitura.

O espaço (local físico) e o ambiente (características desse espaço), são aspectos importantes no momento de se analisar uma obra literária. Desse modo, dependendo do local físico que seja narrado, as características que definirão o ambiente vão ser diferentes. Portanto, uma obra escrita na periferia apresentará denúncias sociais diferentes de uma obra escrita em um centro urbano. Segundo Gancho (2004), dependendo do espaço físico, isso determinará as características do ambiente, tais como no aspecto socioeconômico, de moralidade e religiosidade.

Por fim, resta-nos trazer algumas considerações em torno do narrador, elemento da narrativa que nos interessa de modo particular no estudo sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Segundo Gancho (2004), diferentemente do escritor, ele é a voz que aparece no discurso, e, em alguns casos, acaba tornando-se a personagem protagonista ao narrar acontecimentos da própria vida ou pode até tornar-se alguém que irá se envolver de maneira direta na trama dos acontecimentos. Diante disso, em terceira pessoa ele aparece como uma voz onisciente, sabe tudo o que acontece, mas não interfere, pois não está em todos os lugares, todavia, também pode ser onipresente e esse é parcial e intruso, em determinados momentos ele acaba expressando sua opinião de maneira sarcástica. Em contrapartida, está o narrador em primeira pessoa, nesse caso, ele pode ser testemunha ou o próprio protagonista, de modo que, em alguns romances, a sua figura vem como a personagem principal, ou seja, uma autobiografia, pois narrador em primeira pessoa pode ser o protagonista da história.

Portanto, trata-se do foco narrativo, a posição que o narrador assume em torno de todo o enredo, podendo ser uma voz que está apenas reproduzindo uma história, como uma testemunha, ou colocar toda a atenção para si e ser o protagonista da história. É o autor que começa o filme contando a trama, de modo que vira a câmera para si próprio e por meio disso interage com quem está lendo ou assistindo, todavia, é importante destacar que ele não é onisciente nem onipresente, ou seja, ele só sabe o que está narrando naquele momento, tampouco sabe de antemão o fim da história.

2.1 O narrador personagem Machado de Assis: uma presença constante

Tratando-se da obra machadiana, sendo mais específico, sua obra realista, o narrador caracteriza-se por ser um narrador intruso, o qual tece críticas no decorrer do enredo. Dessa maneira, nas publicações realistas geralmente, tanto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como *Dom Casmurro*, o narrador é a personagem principal que traz uma autobiografia.

Dom Casmurro, publicado em 1899, vai tratar justamente acerca desse narrador intruso, o qual narra um possível triângulo amoroso entre Bentinho, Capitu e Escobar. Portanto, o romance fascina diversos autores há séculos, principalmente pelo mistério deixado acerca da suposta traição de Capitu ou se essa traição aconteceu apenas na “cabeça” de Bentinho. Desse modo, *Dom Casmurro* ainda nos dias atuais desperta a curiosidade dos leitores, visto que essa dúvida fica em aberto.

Portanto, o narrador personagem de Machado de Assis, é uma presença constante dentro da sua fase realista. Desse modo, podemos encontrar traços desse narrador intruso dentro no seguinte fragmento, por exemplo:

A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! a adulação! D. Fortunata merece estima, e ele não nego que seja honesto, tem um bom emprego, possui a casa em que mora, mas honestidade e estima não bastam, e as outras qualidades perdem muito de valor com as más companhias em que ele anda. Pádua tem uma tendência para gente reles. Em lhe cheirando a homem chulo é com ele. Não digo isto por ódio, nem porque ele fale mal de mim e se ria, como se riu, há dias, dos meus sapatos acalcanhados... (Assis, 2018, p. 46)

A fala de José Dias revela um juízo de valor acerca de Capitu ser filha de Pádua. Embora eles sejam honestos, tenham casa própria e um bom emprego, o narrador intruso tenta de todo modo denegrir a imagem de Capitu, e, apesar desta ser apenas uma moça, ele usa traços do comportamento de seu pai para falar que a jovem menina herdou tal comportamento, numa tentativa, talvez, de convencer o leitor do seu ponto de vista, estratégia linguística bastante recorrente nesta obra.

Outra obra que faz parte do realismo do escritor Machado de Assis, bastante importante dessa fase do escritor, foi *Quincas Borba*. Trata-se de uma obra publicada em 1891 e tem como protagonista Rubião, professor e amigo do filósofo Quincas Borba, que ao morrer deixa Rubião como herdeiro de seu patrimônio, sob a condição que cuidasse do seu cachorro, o qual recebera o mesmo nome do dono, Quincas

borba.

Portanto, o narrador de *Quincas Borba*, diferentemente de *Memória Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* que aparecem em primeira pessoa, nesse caso em terceira pessoa, todavia, apresenta características de um narrador intruso. Podemos observar no trecho:

Horas depois, teve Rubião um pensamento horrível. Podiam crer que ele próprio incitara o amigo à viagem, para o fim de matar mais depressa, e entrar na posse do legado, se é que realmente estava incluso no testamento. Sentiu remorso. Por que não empregou todas as forças para contê-lo? Viu o cadáver de Quincas Borba, pálido, hediondo, fitando nele um olhar vingativo; resolveu, se acaso o fatal desfecho se desse em viagem, abrir mão do legado. (Assis, 2018, p. 220).

Assim sendo, fica evidente a forma pela qual o narrador julga a personagem Rubião. Isso fica claro quando afirma que o mesmo desejava que Quincas Borba viajasse, para que, dessa forma, ele tivesse o desfecho da parte da herança que poderia receber, bem como quando declara que que o falecido Quincas Borba olhava do caixão para Rubião com olhar vingativo, como se a morte do mesmo fosse culpa dele e não da doença. Dessa forma, isso mostra que o narrador de Machado de Assis acaba sendo um narrador intruso, conforme já evidenciamos ao comentar *Memórias Póstuma de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, os quais, junto a *Quincas Borba*, compõem a trilogia realista de Machado de Assis.

3 AS CONTRADIÇÕES DO NARRADOR PERSONAGEM EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: O QUE DIZ A CRÍTICA?

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* identificamos um narrador personagem que se contradiz bastante entre o seu ato de narrar e as reais vivências da personagem Brás Cubas. Ou seja, enquanto que a personagem Brás Cubas não apresenta nenhum valor moral positivo para julgar a sociedade, seu narrador, por se descrever como “defunto autor”, sente-se no direito de julgá-la, afinal, este já não estaria inserido nela por escrever sua obra no pós-vida.

O ato de simular sua morte causa uma estranheza para o leitor, conforme observa Schwarz (2000, p. 29):

Vimos que em poucas linhas Brás finge de morto, de metódico, de paradoxal e de elegante, entre outras coisas. A seguir, em sucessão igualmente veloz, ele será cínico, ligando a seu testamento e elogio que lhe proferem ao pé da cova; indiscreto, insinuando que uma das senhoras presentes no enterro “ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas”; charlatão, explicando um plano para ganhar dinheiro e fama por meio da invenção do “Emplasto Brás Cubas.

Portanto, o ato de fingir-se de morto fez com que os seus leitores imaginassem como seria se o narrador contasse sua própria história do pós-vida, como também, pelo fato de estar morto, fez com que julgasse algumas das personagens da obra, julgamento esse que era um espelho da sociedade da segunda metade do século

XIX. Consequentemente, se já não fosse presunção demais por parte desse “defunto autor”, este compara a sua obra a Moisés e ao Pentateuco, de modo a demonstrar que sua crítica não perdoaria nem o sagrado, o que para Schwarz (2000) tem a seguinte interpretação:

Longe de ser presunçoso, o paralelo com as Escrituras é fruto de outro sentimento muito mais inconfessável: trata-se da satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os deslantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra, o que para ele constitui uma superioridade ou inferioridade, não se sabe bem. (Schwarz, 2000, p. 21).

O “defunto autor” vai aparecer narrando cenas em que nos deparamos com duas pessoas distintas, um homem social, padrão de sua época, rico, elegante, respeitado dentro do cenário político, nesse sentido, isso o qualifica como exemplo de moralidade para a sua sociedade, todavia, se nos atentarmos aos detalhes, iremos

perceber que o que é narrado por este, como também pelas intromissões que ele sempre faz no decorrer do enredo, vai mostrar totalmente o contrário. Vejamos:

Brás Cubas vem de uma família de algumas posses, o que à época a sociedade dividia-se em dois grupos, o dono de terras e o agregado, este último termo não tão distante, afinal, até pouco tempo atrás muitas pessoas se submetiam a uma vida intensa de trabalhos em troca de um lugar para ficar. Diante disso, na segunda metade do século XIX, foi o século da abolição dos escravizados, processo lento que contribuiu muito para o crescimento da exploração de trabalho em troca de um lugar para ficar. Nesse sentido, Brás Cubas era de família burguesa, escravista, e, desde cedo, era o filho mimado que já apresentava resquícios de um riquinho mau-caráter e preconceituoso, conforme coloca Bosi (2006, p. 8):

Brás conta a sua história trivial de menino mimado de uma família abastada e conservadora com fumos de aristocracia — um Cubas! O caráter estragado desde a infância e adolescência, os estudos de Direito feitos à matroca em Coimbra, as viagens de recreio pela velha Europa, as aventuras eróticas precoces, uma paixão adúltera tecida de exaltações, tédios e saciedade, a sede de nomeada, que vai do projeto malogrado de inventar um emplasto anti-hipocondríaco à conquista de uma cadeira de deputado, enfim a solidão da velhice... uma trajetória movimentada mas banal enquanto típica de um certo segmento da burguesia no lapso da história do Brasil que cobre o primeiro e parte do segundo reinado.

Como podemos verificar, Bosi (2006) destaca justamente o péssimo caráter desse burguês que aparece como modelo de homem bom, que dá esmolas, mas que na verdade, representa a elite preconceituosa e pseudo moralista da segunda metade do século XIX.

Tratando-se de contradição por parte desse modelo de “bom cidadão”, notamos que esse narrador apresenta muitos julgamentos acerca dos pobres. Observe a maneira com que o narrador se refere a Eugênia, tratando-a como “A flor da moita”. Na interpretação de Schwarz (2000, p. 85): “Designa com desprezo a moça nascida fora do casamento, concebida atrás do arbusto, por assim dizendo no matinho.” Portanto, o narrador despreza a moça e enquanto está a sós com esta, imagina a cena que aconteceu com a mãe, e, provavelmente aconteceria o mesmo com ela, afinal, Eugênia foi gerada fora do casamento, filha de uma “solteirona”.

Como é possível um narrador julgá-la assim? Uma vez que ele sentia o desejo de fazer com Eugênia a mesma cena do matinho que aconteceu com sua mãe, cena que Dona Eusébia foi encontrada em um momento constrangedor. Esse julgamento

revela o péssimo caráter desse narrador, não o Brás social, respeitado por ser rico, mas o verdadeiro burguês hipócrita e preconceituoso, conforme aponta Schwarz (2000, p. 92): [...] “além de bastarda e sem posses, a menina é coxa”. Portanto, o fato de Eugenia ser de uma classe social baixa já a torna inferior na visão de Brás Cubas.

Dando continuidade a essas contradições, identificamos também os julgamentos do narrador acerca das pessoas pobres, mais especificamente ao tratar agora da classe trabalhadora, pessoas pobres que estão com muita dignidade lutando para sobreviver. Vale destacar que Brás Cubas nunca trabalhou na vida, veio de uma família abastada e tratava com desprezo a todos que eram de uma classe inferior. No caso de D. Plácida, antiga agregada que viveu na casa de Virgília, mulher com quem Brás Cubas mantinha uma relação extraconjugal, D. Plácida fica responsável por cuidar da casinha dos encontros entre Brás Cubas e Virgília, espaço onde o casal viveria uma relação de adultério. O narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, embora fosse um burguês respeitado em público, figura no enredo de maneira a revelar qual era realmente a sua índole, um capitalista que menospreza a classe trabalhadora. É o que observa Schwarz (2000, p. 106-107):

Do mesmo modo, apesar de incansavelmente trabalhadora, chega o momento que se vê obrigada a buscar a proteção de uma família de posses, à qual se agrega, o que tampouco impede que morra na indigência. Em suma, a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, é desprezível quando desiste, uma fórmula, aliás, do adjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis.

Portanto, Brás Cubas está mostrando a realidade da sociedade capitalista, quando a personagem termina como indigente, sozinha, quantas e quantas pessoas não terminam pobres, esquecidas, todavia, honestas e trabalhadoras, tratadas com inferioridade e até como escória da sociedade pela elite brasileira.

Nesse contexto de pobreza, Brás Cubas ainda cita um outro exemplo: seu amigo de infância com quem brincava, que aparece na narrativa como morador de rua, mesmo assim não escapa às críticas do narrador, que o trata como “maltrapilho” e esperava que o Quincas Borba tivesse outra postura, nesse caso, seu amigo deveria trabalhar para mostrar dignidade, afinal, ele era de um contexto familiar de classe alta, e, jamais deveria pedir ajuda, do contrário, deveria manter a sua classe. Segundo Schwarz: (2000, p. 104) [...] “a dignidade que Brás Cubas não reconhece ao trabalhador, ele exige do vadio.”

Os fragmentos destacados dão conta, portanto, de que o narrador da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* se acha no direito de julgar a sociedade, devido ao fato de ser um burguês. Ele se coloca como um modelo para a sociedade, todavia, ao se fingir de morto e colocar-se como “defunto autor”, mostra-se um narrador intruso, cheio de julgamentos e preconceitos em seus discursos, um retrato fiel da classe burguesa presente na sociedade da segunda metade do século XIX.

4 LEITURA DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: AS REVELAÇÕES DO NARRADOR PERSONAGEM SOBRE A HIPOCRISIA E O PRECONCEITO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Conforme já afirmamos, o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* aparece como um “defunto autor”, contando a história de Brás Cubas, começando com o seu funeral, logo após vai retratar sua história até chegar a esse desfecho. Temos a história de vida de um filho abastardo de uma família burguesa que viveu no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Brás Cubas começa sua vida na mediocridade, como geralmente todo jovem de uma família capitalista. Ele é travesso, maltratava os escravos que viviam em sua casa, filho mimado que era acobertado pelo pai, tornando-se um adulto improdutivo que termina a vida com um funeral de apenas onze amigos presentes.

O nome “Brás Cubas” foi um homônimo dado por seu pai que imaginava um futuro brilhante para seu filho, o que trouxe indignação por parte da família que teve seu nome usurpado: “o capitão-mor Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1952, e por esse motivo é que deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas muriscas.” [...] (Assis, 2016, p. 28).

A personagem principal da obra, Brás Cubas, aparece já aos cinco anos de idade, conforme descreve o próprio narrador: “Brás Cubas” estava narrando a própria história, se auto descreve como “menino diabo”. Desse modo, ele traz cenas de escravidão presentes na obra, primeiro acerca de uma escrava que vivia em sua casa, prática muito comum naquela época, pois algumas “mulheres negras” viviam na casa de seus senhores e se ocupavam de todos os serviços domésticos. Cenas de violência também são descritas por parte de Brás Cubas:

um dia quebrei a cabeça de uma escrava porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito com a travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos. [...] (Assis, 2016, p. 42).

O fragmento ilustra o retrato de uma sociedade escravocrata da segunda metade do século XIX, em que um menino de seis anos já fazia atrocidades, mas eles eram o exemplo de pessoas “boas” socialmente, hipocrisia que perpassa os dias de

hoje, pois quantas pessoas ainda não sofrem agressão física ou psicológica apenas pela cor da pele.

Ainda sobre o preconceito, aparece mais uma vez a figura do negro. O próprio “Brás menino” relata outro fato que acontecera naturalmente em sua casa, ao usar um “moleque” como brinquedo pessoal, indício do desvio de caráter por parte dessa sociedade brasileira do século XIX, no que diz respeito as sujeiras e atrocidades que muitos senhores escravistas cometiam, mas se intitulavam como exemplo para a sociedade:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia — algumas vezes gemendo — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta.” (Assis, 2016, p. 42).

Nos dias atuais, embora não vejamos essas cenas explícitas de violência física, uma vez que a “Lei Áurea” foi assinada, todavia, ainda nos deparamos com notícias de agressões físicas, e, na maioria das vezes, agressões psicológicas. Desse modo, a escravidão acabou, contudo, o racismo estrutural permanece até hoje. Isso mostra a atualidade da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas e a atualidade do legado machadiano que ainda dialoga com a nossa atualidade e traz contribuições para a atual sociedade brasileira.

Brás Cubas, ainda criança, faz um paralelo entre as figuras do seu pai e da sua mãe. Para ele, seu pai era um herói por acobertar seus desvios de caráter, uma vez que como “menino diabo”, aprontava com todos que iam a sua casa, observe:

Esconder chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas e outras muitas façanhas desse jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me grande admiração; e se às vezes me repreendia à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos. (Assis, 2016, p.42).

Dessa forma, conforme a citação acima, ele vê o pai como o seu herói, de modo que isso se configura como uma característica presente não só na sociedade da segunda metade do século XIX, como também nos dias atuais. Esse favorecimento é bem presente no contexto de famílias abastadas, nas quais os pais conseguem colocar o filho como exemplo para a sociedade, geralmente encobrendo delitos para

que ele possa se dar bem na vida.

Diferente do que ocorre com o pai, Brás Cubas coloca sua mãe como uma pessoa fraca, religiosa, com ausência de inteligência, submissa, ou seja, características machistas que estão para ser desconstruídas no decorrer da análise da obra. Brás Cubas revela o seu desrespeito e um olhar machista quando afirma: “Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, caseira, apesar de bonita, modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido.” (Assis, 2016, p. 43).

Brás Cubas aos 17 anos agora vai narrar como foi o seu primeiro beijo e a sua primeira tentativa de viver um romance. Trata-se de uma mulher chamada Marcela, que diferente de sua mãe, divergia-se das mulheres que ele conhecia, sendo neste momento quando se percebe a desconstrução da mulher idealizada, submissa e religiosa que até então era narrada dentro do Romantismo. Marcela não era nada modesta, gostava de se vestir bem como está descrito pelo narrador a seguir:

[...] a verdade é que marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código, Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. [...] (Assis, 2016, p. 51)

Brás Cubas, apesar de colocá-la como “boa moça”, diz que ela é ambiciosa, luxuosa, que não podia andar livremente pelas ruas com suas roupas e joias. O narrador desconstrói, desse modo, a imagem de mulher angelical, pura, aspecto tão explorado nas obras românticas, afinal, quando descreve a figura da sua primeira paixão, uma mulher que deixa os leitores imaginarem que é uma “prostituta”, ao apaixonar-se por ela, por um lado que até então não havia encontrado nas mulheres “puras” ou submissas que até o presente momento tinha como referência, a mulher submissa e devota que era sua mãe: “Éramos dois rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude.” (Assis, 2016, p. 51). Desse modo, esse foi o seu primeiro beijo, Brás Cubas, simplesmente a puxa pela mão e a beija sem prévio aviso.

Consequentemente, por mergulhar de cara pelo desejo de conquistar Marcela, o próprio pai o rejeitou, se recusando a dar mais dinheiro, e, por isso, acaba enganando sua mãe para obter mais recurso: “[...] lancei mão de um recurso último: entrei a sacar sobre a herança de meu pai, e assinar obrigações, que devia resgatar

um dia com usura.” (Assis, 2016, p. 53). Brás Cubas recebe um dos castigos que pode ser considerado um roteiro de novela, ao ser mandado para a Europa para estudar.

Nesse momento, ele corre para sua Marcela para convidá-la a ir com ele e recebe um não, uma despedida marcada por discussão, humilhação, lágrimas e desapontamento:

Ficando a sós, derramei todo o desespero do meu coração; disse-lhe que ela era um monstro, que jamais me tivera amor, que me deixaria descer a tudo, sem ter ao menos a desculpa da sinceridade; chamei-lhe de muitos nomes feios, fazendo muitos gestos descompostos. Marcela deixara-se estar sentada, a estalar as unhas e os dentes, fria como um pedaço de mármore. Tive ímpetos de estrangular, de a humilhar ao menos, subjugando-a a meus pés. Ia talvez fazê-lo; mas a ação trocou-se noutra; fui eu que me atirei aos pés dela, contrito e súplice; beijei-lhos, recordei aqueles meses da nossa felicidade solitária, repeti-lhe os meses queridos de outro tempo, sentado no chão, com a cabeça entre os joelhos dela, apertando lhe muito as mãos; ofegante, desvariado, pedindo lhe com lágrimas que não me desamparasse... Marcela esteve alguns instantes a olhar para mim, calados ambos, até que brandamente me desviou e, com ar enfastiado:

--- Não me aborreça --- disse. (Assis, 2016, p. 56-57).

Por conseguinte, Brás Cubas, após concluir o bacharelado, continuou pela Europa e não responde mais a família, todavia, na última carta de apelo seu pai o convenceu a voltar para o Rio, pois sua mãe estava morrendo. Retornou para despedir-se: “Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nós não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar;” [...] (Assis, 2016, p. 68). Portanto, “Brás” experiencia a dor da morte de sua mãe, que teve um fim doloroso pela enfermidade.

Dito isso, quero fazer uma retomada ao desfecho da personagem Marcela. Ao entrar numa loja para consertar o relógio, o qual ele chama de “cubículo”, por ser desorganizado, depara-se com uma mulher que em outro tempo deveria ter sido bonita, todavia, estava destruída por uma enfermidade. Anos depois ele cita a morte da sua paixão: [...] “vi morrer no hospital da Ordem, adivinhem quem?... a linda Marcela;” (Assis, 2016, p. 203). Desse modo, o “realismo machadiano” não mascara as mazelas da vida, talvez por isso faz questão de dizer que a “linda Marcela”, paixão da sua juventude, teve um final muito triste ao morrer [...] “feia, magra e decrépita.” (Assis, 2016, p. 204).

Uma personagem bastante marcante para mim foi Eugênia, filha de Dona Eusébia, conhecida da família Cubas, que frequentava sua casa na infância. Essa

jovem de dezesseis anos de idade vai dar voz a um grupo de pessoas excluídas que integravam a sociedade da segunda metade do século XIX. Desse modo, esse acontecimento da vida de “Brás Cubas” narra algo que era tido como um assunto muito delicado: retrata as pessoas com algum tipo de deficiência, um assunto colocado para debaixo do tapete, uma vez que a hipocrisia é realidade presente na época e ainda é um grande desafio para os dias atuais.

Eugênia desperta logo o interesse de “Brás”, afinal, ela era uma moça bonita, se comportava como um modelo de mulher social daquela época, nada tinha de indiferente, até que ele percebe que ela “coxeava” de uma perna. Nesse momento, verificamos que teve início o preconceito em sua mente:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com solução do enigma. (Assis, 2016, p. 81).

Esse olhar de preconceito não estava presente apenas na sociedade do século XIX, mas permanece nos dias atuais, pessoas são excluídas socialmente, seja na família, entre amigos, nas escolas, por causa de algum tipo de deficiência.

Há uma personagem que vale a pena fazermos uma reflexão. Se pensarmos no contexto de elite\burguesia, iremos ver o jogo de aparências no qual todos medem o seu valor tomando como base os bens materiais. A figura do “homem burguês” da segunda metade do século XIX não é bem diferente dos nossos dias. Brás Cubas se depara com um homem que ele retrata como um “maltrapilho avelhantado”, seu antigo amigo de infância que nesse momento o que recebe dele é rejeição, pena e nojo:

Imagina um homem de trinta e oito a quarenta anos, alto, magro e pálido. As roupas, salvo o feitio, pareciam ter escapado ao cativo de Babilônia; o chapéu era contemporâneo do de Gessler. Imaginem agora uma sobrecasaca, mais larga do que pedias as carnes, — ou, literalmente, os ossos da pessoa; a cor preta ia cedendo o passo a um amarelo sem brilho; o pêlo desaparecia aos poucos; dos oito primitivos botões restavam três. As calças, de brim pardo, tinham duas fortes joelheiras, enquanto as bainhas eram pelo tacho e um botim sem misericórdia nem graxa. Ao pescoço flutuavam as pontas de uma gravata de duas cores, ambas demasiadas, apertando um colarinho de oito dias. Creio que trazia também colete, um colete de seda escura, roto a espaços, e desabotoado. (Assis, 2016, p. 65)

Verificamos que esse reencontro é marcado por preconceito e, desse modo, mais uma vez percebemos que a obra machadiana vai mostrar a realidade por trás da

ficção realista, aquela sujeira colocada para debaixo do tapete e que até então era amenizada. Desse modo, podemos dizer que a obra machadiana desmascara o preconceito, fazendo cair a máscara da hipocrisia por parte da sociedade burguesa. Diferente da sua infância, a personagem Quincas Borba aparece agora na figura de alguém mal vestido, barba por fazer, deixando seu amigo surpreso por acabar pedindo esmolas. Nesse sentido, isso reflete muito o contexto social de pessoas bem sucedidas em escarnecer a classe trabalhadora responsável pela mão-de-obra braçal, de modo que enquanto os burgueses ficam com as melhores oportunidades, o filho do pobre sobra para a indústria. Atente para a descrição do narrador:

Era o Quincas Borba, o gracioso menino de outro tempo, o meu companheiro de colégio, tão inteligente e bastado. Quincas Borba! Não; impossível; não pode ser. Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhantado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo, e o sorriso não perdera certo ar escarninho, que lhe era peculiar, entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. (Assis, 2016, p. 66).

Impossível não relacionar a obra machadiana com a realidade atual. Nessa perspectiva, podemos dizer que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* traz esse olhar de desigualdades sociais não só para a época em que foi escrita, como também contribui para uma reflexão social atual, afinal, se analisarmos a quantidade de pessoas que vivem em situação de abandono nas ruas, essas mesmas pessoas são marginalizadas, e, sobre elas pesam um olhar de preconceito, não somente por parte da burguesia, como também por parte da sociedade de um modo geral.

Já a personagem D. Plácida aparece no romance quando Brás Cubas e Virgília vão ser protagonistas da maior desconstrução social da época, que seria o adultério, a destruição de algo intocável, o casamento, por se tratar de algo sagrado, e, ser o modelo patriarcal aceito em sociedade. Desse modo, os encontros se davam na casa de fachada que D. Plácida se encarrega de administrar, de modo a proporcionar os encontros do casal.

Essa personagem vai dar voz a muitas brasileiras em situação de vulnerabilidade e pobreza. Dessa maneira, D. Plácida, diríamos que seria realmente um objeto de ficção se não víssemos exemplos no dia a dia. A personagem perdera o pai muito cedo e teve que ralar muito na vida, casou-se ainda moça, por ironia do destino também perdera o marido ainda jovem, e, além disso, ficara com uma filha de

dois anos e a mãe para cuidar que lá na frente, sua mãe morre e sua filha vai abandoná-la:

Era filha natural de um sacristão da Sé e de uma mulher que fazia doces para fora. Perdeu o pai aos dez anos. Já então ralava coco e fazia não sei que outros trabalhos de doceira, compatíveis com a idade. Aos quinze ou dezesseis casou com um alfaiate, que morreu tísico algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cargo a filha, com dois anos, e a mãe, cansada de trabalhar. Tinha de sustentar as três pessoas. Fazia doces, que era seu ofício, mas cosia também, de dia e de noite, com afinco, para três ou quatro lojas, e ensinava algumas crianças do bairro, a dez tostões por mês. (Assis, 2016, p. 79-80).

Sendo assim, D. Plácida é a representação de mulheres que mesmo se encontrando em situações de vulnerabilidade conseguiram sobreviver com muita garra. Portanto, mesmo ficando viúva jovem não conseguiu mais casar, conheceu alguns homens mas por saber que o fim não seria o matrimônio ela não demonstrava interesse. Esse contexto não é muito diferente dos nossos dias, pois quantas mães solteiras não criam sozinhas seus filhos, lutam com dignidade para dar a eles um futuro melhor.

Vale destacar que a crítica às instituições é algo muito presente na literatura Realista, pois ela mostra a realidade como a vida é, sem máscaras. Observamos que o romance começa com “Brás” fazendo uma comparação de superioridade a “Moisés” e audácia de comparar com o “Pentateuco”, que representa os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada, causando polêmica, uma vez que esse discurso repercutiria como afronta direta a instituição igreja, observe:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. (Assis, 2016, p. 2).

Conforme podemos observar, nem a igreja, instituição intocável no século XIX, escapa ao olhar machadiano, crítico, irônico e melancólico. O enredo se encerra de modo melancólico e com o “defunto autor” narrando o seu desfecho: Brás Cubas não conseguiu ser ministro, não se casou, não teve filhos e não deixou nenhum legado, morreu sozinho e teve um funeral de apenas onze amigos.

O narrador em boa parte da obra acaba se intrometendo em seu enredo, de modo a criticar e a julgar os comportamentos das personagens. Veja:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma. (Assis, 2016, p. 44).

Brás Cubas questiona o fato de Eugênia ser bonita e coxa. Ele não aceita que esta possa apresentar uma deficiência e ser bonita, julgando a personagem, uma demonstração de que o narrador em muitos momentos aparece como intruso. Observe ainda um outro caso: quando Brás encontra seu amigo de infância:

Não podia acabar de crer que essa figura esquelética, essa barba pintada de branco, esse maltrapilho avelhantado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba. Mas era. Os olhos tinham um resto da expressão de outro tempo, e o sorriso não perdera certo ar escarninho, que lhe era peculiar, entretanto, ele suportava com firmeza o meu espanto. (Assis, 2016, p. 66).

O narrador, além de narrar o reencontro com o amigo de infância, se questiona como este último acabou nessa situação: com roupas velhas, morando na rua, em situação de ruína total, e o pior, pedindo dinheiro para sobreviver. Seu questionamento constitui claro indício de que temos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* um narrador intruso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar mais detidamente o foco narrativo na narrativa *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, procurando colocar em evidência as contradições do narrador personagem, bem como identificando os preconceitos e a hipocrisia social brasileira do século XIX, centrando atenção na figura do narrador, mas sem deixar de relacionar outros personagens da obra.

Dessa forma, vimos que o romance, publicado na segunda metade do século XIX, evidencia muitos preconceitos da sociedade capitalista do Rio de Janeiro nesse período e que seu narrador, Brás Cubas, a todo momento acaba agindo de maneira intrusa, construindo um discurso com muito sarcasmo e também agindo de modo preconceituoso, quando julga o caráter e as atitudes das personagens, conforme destacou a nossa análise. O próprio fato de se mostrar/apresentar como um “defunto autor”, estratégia que o livraria de críticas ou acusações, já aponta para uma intrusão, uma vez que na vida real isso seria um absurdo. O fato é que estando morto, isso o livraria, por exemplo, da crítica de ter sido um burguês medíocre.

A análise ainda confirmou nossas impressões iniciais, uma vez que constatamos que muito da hipocrisia e preconceito apontados ao longo da leitura do romance ainda perpassam as relações sociais nos dias atuais. Dessa forma, chegamos a conclusão que a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tem muitas contribuições a oferecer, afinal, a luta pela inclusão ainda continua, traições são cada vez mais comuns e as pessoas ainda são julgadas de acordo com sua classe social. Dessa forma, isso mostra a relevância da obra para os nossos dias e põe em destaque a atualidade do legado machadiano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Todos os romances e contos consagrados**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Alfredo. **Brás Cubas em três versões: estudos machadianos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2004.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.